

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSARIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23-9.º ANDAR - SALA 922

ANO 11 — N.º 118

Rio de Janeiro, junho de 1957

PREÇO: Cr\$ 2,00

Registro SI/P-214 de 8-3-1946

Tôda correspondência deve ser enviada para a Avenida Almirante Barroso, n.º 6, sala 1101, endereçada para nosso diretor ou nosso administrador.



Como procede a Gestapo de Salazar

Em nosso número anterior, publicamos a crônica de nosso companheiro Edgard Rodrigues (No Paraíso de Salazar) com a denúncia de mais um crime nefando nesse paraíso praticado contra os opositores ao regime da rolha.

Acabamos de receber da Comissão de Relações dos Espanhóis no Exílio a seguinte: Cópia da carta recebida dos companheiros de Portugal.

Eis a carta: Estimados companheiros da Comissão de Relações.

Temos a tristeza, ao escrever-vos o presente comunicado, de ter de denunciar ao mundo livre, a todos os homens de consciência pura, mais dois crimes que a P.I.D.E. (Policia Internacional de Defesa do Estado), acaba de cometer contra dois antifascistas portugueses, um dos quais é um velho anarquista militante.

Com toda a realidade, relatamos os fatos do monstruoso assassinio que a policia politica do odioso ditador Salazar, a serviço das hostes negras do Vaticano, acaba de juntar à já estensa lista de violências e crimes que tem no seu haver.

No dia 14 de fevereiro de 1957, foi assassinado, no antro inquisitorial da P.I.D.E., na cidade do Pôrto, um antifascista republicano, Joaquim Lemos de Oliveira, pai de quatro filhos, que foi submetido às mais bárbaras torturas pela gestapo portuguesa. Após sete dias do suplício da Estátua (não há força humana que possa resistir a tão horrorosos sacrificios) foi violentamente espancado e morto.

O suplício da Estátua, invenção macabra dos atuais inquisidores portugueses, consiste em colocar o detido em pé, sem dormir, nem de noite nem de dia, numa sala intensamente iluminada por potente lâmpada elétrica, não podendo o torturado fazer nenhum movimento que lhe permita aliviar tão cruel situação. Essa monstruosidade é exercida sob vigilância de duas em duas horas.

Foi depois desse suplício de sete dias que a policia de Salazar o assassinou. A autópsia do cadáver fez-se clandestinamente sem que fosse permitida, nem sequer, a presença de estudantes de medicina; mas, todas as pessoas que conseguiram ver o cadáver notaram que levava, na cabeça, enorme ferida que lhe provocara a morte.

Os instintos sangüinários da policia salazarista não param aí, pois, mal extintos ainda os ecos do crime que acabamos de relatar, era detido, na cidade de Viana do Castelo, um velho militante anarquista, Manuel Flúza Júnior, de 70 anos, que fora diretor do periódico anarquista A voz do faminto, publicado no tempo do regime democrático, acusado de haver distribuído, em Viana do Castelo, um manifesto protestando contra a morte do antifascista Joaquim Lemos. Manuel Flúza Júnior foi submetido a todas as torturas e faleceu ao quarto dia do suplício da Estátua. Para melhor ocultar esse crime, a P.I.D.E. impediu a inserção de seu nome na seção necrológica da imprensa. Não obstante, a noticia correu rapidamente por todo o país causando a maior indignação em todas as pessoas de sentimentos humanos. Em Portugal, não somente está suprimida a liberdade de imprensa, como ainda — qual o mostram os fatos assinalados — nossa própria vida está em perigo, se o silêncio forjar nova capa sobre esses dois crimes da policia do ditador Salazar.

A vós outros, amigos libertários no Exílio, que viveis num país onde ainda se respeita a liberdade de expressão, recorremos nós, clamando com todas as forças de nossas consciências sublevadas, pedindo-vos que denunciéis na imprensa, ante a opinião pública, esses dois novos crimes do governo de Salazar.

Damos, em seguida, a parte substancial do manifesto distribuído em Viana do Castelo, denunciando o assassinio de Joaquim Lemos de Oliveira e atribuído a Manuel Flúza Júnior.

— Em 14 de fevereiro próximo passado, faleceu, de morte violenta, no antro da P. I. D. E., rua do Heroísmo, no Pôrto, o democrata republicano Joaquim Lemos Oliveira (Repas). No cadáver foi feita autópsia antes do prazo legal, pela qual deve ser responsabilizado o diretor de Medicina Legal, Dr. Francisco Coimbra. Quero dizer que a autópsia se praticou secretamente; mas alguém conseguiu examinar o corpo, já amaneirado pelos forenses para evitar que fossem verificadas as contusões, sobretudo uma enorme fenda que tinha a vítima na cabeça.

Joaquim Lemos de Oliveira se achava preso desde 29 de janeiro. Pouco durou seu cativo. Durante as sevícias e torturas da P.I.D.E. (cujo inspetor é Costa Pereira e chefes, Pinto Soares e Patacho) a vítima foi mantida, durante sete dias sem dormir, como estátua (sempre em pé). No dia 8 de fevereiro conseguiu escrever a sua senhora que "não se preocupasse se alguma coisa lhe acontecesse". Aos 14, apareceu morto.

O enterro, marcado para 18, foi suspenso à última hora pelo governador civil, Dr. Braga da Cruz, de acordo com a P. I. D. E. Muitas pessoas e gente humilde do povo e democratas dos mais ilustres compareceram no cemitério para levar flores e render a derradeira homenagem à vítima martirizada. No dia 19, uma hora antes da fixada para a marcha da comitiva, os esbirros da P. I. D. E. seqüestraram o cadáver, deixando a família a esperá-lo no cemitério. Ainda assim, mais de dez automóveis dirigiram-se a Tafe, cuja população vive atualmente em regime de ocupação terrorista, onde se realizou o enterro com o cemitério cercado por policiais da P.S.D., alguns deles armados de metralhadoras. Ainda depois de assassinado, continuava Joaquim Lemos de Oliveira perseguido. Isso não impediu que os quatro órfãos e a viúva lhes cuspissem aos gritos: Bandidos! Assassinos!

Joaquim Lemos, já preso em 1936 e em 1949, era muito estimado por todos os que o conheciam por seu caráter íntegro e por suas atividades democráticas. Seus familiares e os trabalhadores de Tafe perderam excelente companheiro nas mais horríveis circunstâncias.

Há trinta longos anos que o povo português morre lentamente e os homens que mais se esforçam por libertá-lo parecem condenados a serem assassinados pelos esbirros de Salazar, os malditos agentes da P.I.D.E.

Pior para eles. Esses crimes concitarão sobre eles a responsabilidade e a ira justa do povo...

Termina o manifesto exortando o povo a divulgar esse crime ante a consciência universal e clamando por justiça, liberdade e anistia.

Ação Direta não se cansará de

(Cont. pág. 3)

O Comandante dos Viriatos O Toureiro de Badajós O Presidente da República Portuguesa, sr. Craveiro Lopes

Além de Presidente da República Portuguesa, o sr. Craveiro Lopes tem outros títulos. Em 1936, foi o primeiro comandante estrangeiro que, para ajudar o torpe e assassino nazi-fascismo franquista, violando fronteiras, pisava terra espanhola. Com 1.200 soldados de cavalaria, portugueses da mais baixa ralé, mouros e mercenários regulares, tomava, a ferro, fogo e saque, a cidade de Badajoz. Na praça de touros da cidade, encerrou 2647 republicanos. Alguns

destes foram TOREADOS e BANNERILHADOS e morreram a estoque; por exemplo, o deputado Vicente Lopes, socialista. Os demais foram assassinados a metralhadora.

BENVINDO SEJA O COMANDANTE DOS VIRIATOS FASCISTAS!

BENVINDO SEJA O TOUREIRO DE BADAJOZ!

BENVINDO SEJA O SR. CRAVEIRO LOPES!

Comunistas e Pelegos

Por MARIO COSTA

Antes e durante as comemorações do dia 1.º de maio realizadas nesta Capital, "pelegos" e comunistas estiveram de mãos dadas, organizando a concentração demagógica com que seria comemorada a data universal do proletariado que recorda o trágico episódio da luta travada para a conquista da jornada de oito horas e que, em todos os países onde existe organização e o proletariado têm consciência da força que representa, é motivo para relembrar com palavras candentes de indignação, o sacrificio das primeiras vítimas condenadas a morte em Chicago (E.E.U.U.), em 11 de novembro de 1887.

No Brasil, é atualmente, pretexto para que a demagogia e a mistificação (especialidade comunopetebista) impere cínica e escandalosamente como se fosse a coisa mais natural deste mundo. Este ano, como nos anteriores, não faltou a clássica concentração em praça de esportes, com discursos bombásticos, mas vazios de sentido prático, desfiles, futebol e outros ingredientes indispensáveis ao tempêro, tudo de graça, custeado pela verba do imposto sindical, que, no final das contas, é dinheiro arrancado compulsoriamente do minguado salário dos trabalhadores. Que diremos de tudo isso? Porque procedem, assim, os atuais dirigentes sindicais? A única resposta aceitável é esta: para enganar a massa trabalhadora. E porque necessitam, "pelegos" e comunistas, de mistificar e dar

expansão a sua demagogia para usurpar a pretensa legitimidade que alegam possuir na orientação da opinião pública e da massa trabalhadora. Aparatosa e singular comédia que não consegue iludir mais ninguém e, todos os anos, se repete, revista e aumentada. Ontem, com Getúlio Hoje, com Juscelino e Jango, sempre com colaboração indispensável de falsos líderes, fazendo promessas que repousam em mentiras e estratégias dos comunopetebistas.

Coincidência notável. As vésperas do dia 1.º de maio, enquanto os traidores do proletariado organizavam o programa de mistificação deturpando o significado da data, os tubarões da indústria e do comércio reuniam-se, em São Paulo, para estudar a reforma da Legislação Trabalhista a fim de acabar com a estabilidade após dez anos de emprego sob a falsa alegação de que uma vez adquirido o direito de não poder ser dispensado, o empregado produz menos, encarece a mão de obra e cria um ambiente de malestar entre explorados e exploradores. Os últimos não se conformam com pequenos lucros. São insaciáveis na ganância que lhes facilita a exploração do trabalho alheio e não desejam pôr em perigo o seu privilégio.

Que representam, pois, a concentração de trabalhadores no campo de futebol sob a orientação dos "pelegos" e comunistas, com a presença do presidente da República, como convidado de honra? Que não há quem não

(Cont. na pág. 3)

Os Trabalhadores e a Cassação de Mandatos

VALIN

Os dias que correm são agitados. Movimentam-se os contrabandistas da política para processar o deputado Carlos Lacerda em nome da Lei. Por outro lado, políticos não menos contrabandistas, de correntes diversas, procuram justificar a denúncia do irrequieto deputado. Em conclusão, correm vereadores, gritam deputados, ameaçam os senadores, apelam os juizes e a vítima esconde-se em silêncio, sem esboçar o menor protesto de desacórdio.

A vítima não é Jango, a quem acusam de receber dinheiro de Perón, (sua riqueza e prestígio político defendem-no), nem Lacerda, seu denunciante (a serviço de uma corrente poderosa e mancomunada com a Igreja).

A vítima é o povo. Esse povo que trabalha, para que os brigões vivam à farta.

Quanta discussão, quanto insulto, quantas arruaças se fazem, com o dinheiro dos trabalhadores, desses escravos que tudo pagam e passam fome.

Enquanto políticos se engalfinham numa luta fratricida, con-

sumindo em cada sessão de pugilato 400 contos, os operários trabalham oito horas por dia, para lhes fabricar o calçado, fazer a roupa e cultivar a alimentação que comem.

Trabalhador! Levanta-te e escuta!

Há vários dias lutam diplomaticamente nossos "representantes" no palácio Tiradentes e porque?

Será para protestar contra o exagerado aumento dos produtos de primeira necessidade?

Será para pleitear as seis horas de trabalho por dia para vós?

Será para exigir um reajuste dos salários de acordo com o custo da vida? Será para protestar contra os roubos do fundo sindical e do mau funcionamento dos institutos? Será para fazer aprovar a lei que garanta a liberdade sindical e o direito à greve, para todas as classes profissionais? Será para garantir a todos os trabalhadores uma educação sadia para seus filhos? Será para possibilitar que todos os trabalhadores tenham direito a gozar, em igualdade de circunstâncias, o conforto e o sacrifício.

(Cont. pág. 3)

Notas Esparsas

QUEM SOU?

J. P. Gutierrez.

Talvez nada; talvez um mundo. Sou o selvagem habitante das selvas, o bruto cultivador de terras inóspitas; o pragujeiro carroceiro dos portos; sou o ladrão e o explorador do lenocínio; o inveterado jogador, o ébrio e o advogado, o professor e o médico... sim, sou toda essa gente, sabes camarada! Sim toda essa gente... Demóstenes e Arquimedes, Espártaco e Danton... Sou o imbecil a arrastar sandálias de ouro pelas calçadas ou o sábio a morrer de fome, enquanto descobre um novo mundo. Sou o criador dos deuses e de todas as alegrias e tristezas da humanidade... sou Calabar ou Job... Quem sou, pois? Um homem.

Ah! Homem a viver entre os mais, mas que alimentou pétalas de rosas e o suco das maçãs. Homem sem elra nem beira, julgando tudo quanto o rodeia de acordo com sua capacidade cerebral... Ah! sim, homem... mas serel um homem ou um animal?

Tenho de ambos um pedaço; sectionado ao meio, como uma tora de ipê, sou, da metade para cima, um animal; mas na maior parte das vezes, a parte inferior domina, na a superior transformando-a em um ser egoísta e mau com pretensões a sábio e senhor do mundo.

E, se o animal dominar o homem, este aparenta um gênio, com pretensões a guia espiritual da humanidade, Hipócrates ou Moisés; Lutero ou Lolola...

Se pudesse ser Bakunin ou Reclus, Krapótkin ou Ferrer para amar a humanidade que ri e chora sem poder compreender que é grande, uma e onipotente, mas ignorante e rancorosa. Se pudesse... a humanidade seria grande e livre pois seria composta apenas de homens. Como seria bela a vida dentro de uma sociedade onde a humanidade fosse genuinamente humana e não metade animal... Como seria bela se não existisse um Diógenes em busca de um homem!

Loucos!

E sentei-me à sombra de uma mangueira, a olhar, em torno, gentes de todas as classes sociais e de todas as religiões, sem distinções de raças, acusavam seus semelhantes de loucos, quando estes expunham uma nova idéia ou um novo invento.

Espártaco, o intemorato gladiador romano, que não trepidou em sacrificar a própria vida para libertar os escravos, foi apontado como louco, assim como foram considerados loucos Seneca e Cristo, expositores de novas teorias. Colombo e Galileu, descobridores de um novo mundo e do telescópio, assim como de que a terra se move, foram classificados entre os loucos. Hertz o descobridor da onda que transmite sinais, sem imagens, através do espaço, foi apedrejado nas ruas de Paris, por julgarem-no louco. Louco és tu ah! imbecil, que te atrasas ante as rodas de uma locomotiva para salvares uma criança ou tu, herói que morres em todos os quadrantes do mundo para salvares teu semelhante.

Louco! porque não ficaste sossegado em teu lar, adaptando-te ao meio ambiente, sem te quereses exibir como ser aparte do resto da humanidade, ao presentires uma calamidade que iria arrancar enorme número de vidas, se não corresses a sacrificar tua vida? Porque não te acomodas deixando os outros que façam loucuras?... Louco! deixa os mais e adapta-te à coelra... Se o mundo sempre foi assim... Só esses loucos anarquistas são os que dizem o contrário.

Anda, adapta-te ou corre de encontro àquela esquina e arrebeta o crânio para não perturbares o sossego dos potentes com teus imbecis protestos. Aplaudes a chacina de teus próprios filhos nos campos de batalha, por terem-se recusado a atirar, ou conta horrores a teu deus, ao veres as vestes de teus genitores ardendo nas fogueiras da santa inquisição. E' melhor transformares-te em louco que praticares a loucura de quereses ser um homem.

Trabalhadores...

(Continuação da 1.ª pag.)

cio que a vida pode proporcionar ao ser humano? Não é por acaso para protestar contra a pertinaz exploração dos altos magnatas em prejuízo dos oprimidos?

Nada disso! Toda essa algazarra que se escuta há longos dias, é para cassar mandatos, para aprovar a lei "Cadillac", e para encobrir negociatas. E' para apurar responsabilidade de palavras, para vingar caprichos, para descarregar ódios, desmoralizar partidos, para encobrir denúncias, para obter prorrogação de mandatos e nunca para apurar a verdade.

Há anos transitam pela Câmara dos Deputados projetos para liberar os sindicatos; creio que apodrecerão lá, sem que esses esforçados politiquieiros os desencahem, enquanto o dos "cadillac" e o pedido de licença para processar Lacerda e Cia. se aprovam nalgumas semanas.

Trabalhador! Repara na correria para aprovar suas leis de vingança, e quantas centenas de contos vos custam a vós, únicos produtores, enquanto as leis que vos favoreceriam ligeira mente e nunca mais se aprovarão.

Repara trabalhador em que os teus representantes nesse teatro de comédias (câmara dos deputados) não fazem outra coisa que consumir o produto do teu esforço cotidiano. Vivem na casa que construíste, vestem-se com a roupa que fabricaste, comem o pão que cozeste, calçam os sapatos que fizeste, servem-se da luz que fabricaste, do gás, do telefone que preparas, dos veículos que fabricaste e diriges, enfim vivem exclusiva-

Como procede...

(Continuação da 1.ª pag.)

bradar contra esse remanescente vivo do fascismo e do hitlerismo, hoje protegido pela O.N.U. e pela UNESCO, isto é, a camorra dos capitalistas americanos e europeus, mentirosa, incongruente e criminosa!

Nessa tal democracia

De igrejas, leis e metralha
Goza a alta roda vadia,
Sofre a gente que trabalha

Pegar no pesado é duro!

(Pensam padres e doutores)
E' melhor e mais seguro
Ser pai dos trabalhadores.

mente a tua custa, à custa do teu suor. E porque, trabalhador, isso acontece sendo tu o produtor de tudo que existe sobre a Terra? Única e simplesmente porque entregas os teus direitos aos que nada fazem, encarregando-os de te defenderem. Mas, para que precisas tu de defensores, se tudo é teu, se tudo fabricaste e construíste? O homem que trabalha removendo e cavando a terra, que faz laborar as fábricas não tem porque pedir leis para sua proteção. Não são o produto do teu trabalho os milhões e milhões de cruzeiros que o Estado e os municípios consomem? Não são teus os milhões de cruzeiros depositados nos Institutos e no fundo sindical? Então, porque, trabalhador, deixas arrastar-te a reboque das mentiras governamentais? Compreendo!... E' para isso que se promovem as guerras, e se fazem as leis. Para que vivas ignorando a verdade, para que continues ignorante perpétuo. A ignorância é a arma mais poderosa dos políticos, porque equivale à cegueira e à surdez. E' um rebanho o que pretendem conduzir os políticos e não homens conscientes e cultos.

Trabalhador! toda a tua felicidade e a dos teus, depende de dois fatores primordiais: instrução cultural e profissional, e união com os demais operários de cada classe profissional.

No dia em que o conseguires, verás como o Sol radiante iluminará a Terra, que proporcionará viver sem pobres nem ricos, sem exploradores nem explorados.

Fora portanto com os perpetuadores da tua miséria da tua ignorância: padres, políticos e patrões.

O "Diário de Notícias", de 21 de abril de 1957, num editorial, publicou a nota, que, com a devida vênia, transcrevemos:

"E' o medo que leva a burguesia a assumir uma atitude paternalista no que tange à solução da questão social. No fundo não "tem ela nenhuma intenção de solvê-la, mas de apenas anestesiar a consciência da miséria. Não é outra a impressão que dão todos esses movimentos e associações de proteção ao pobre, através do fornecimento de vestuário, de assistência médica, de presentes de Natal às crianças, etc.

Nada disso resolve a questão social. São meros paliativos que adiam a solução tentando abrandar a cólera ou o sentimento de revolta.

A questão social não se decide com a simples caridade, mas sim com justiça. A caridade é necessária, mas não basta. E todos esses movimentos de puro paternalismo de uma classe dominante que não quer ceder o seu domínio, são meros farisismos, que servem para encher as horas vazias de damas endinheiradas, mas

Comunistas...

Continuação da 1.ª pag.

esteja convencido de que as maiores dificuldades que os trabalhadores enfrentam neste momento de duras condições de vida e de trabalho são decorrentes, diretamente, da ação ou da omissão injustificada do governo que, se em um ou outro caso o fez, foi para agravar as dificuldades e impor novos sofrimentos à grande massa trabalhadora do país. Para isso contou e conta com a colaboração eficiente e decidida dos comunistas e trabalhistas. Não estavam todos reunidos no grande espetáculo cívico-esportivo realizado no campo do Vasco?

FALECEU JOSÉ OITICICA

Profundamente consternados, comunicamos aos n/leitores, o falecimento do nosso querido comp. e diretor deste jornal; vitimado por um derrame cerebral na madrugada do dia 30.6.57.

Já em máquina este n.º seremos mais extensos no próximo número.

Contra as Ditaduras do Mundo

No dia 30 de abril deste ano, realizou-se, na capital do México, extraordinário comício organizado pelas JUVENTUDES ESPANHOLAS ANTIFRANQUISTAS.

Lemos em C. N. T. (Toulouse, 19 de maio): "Com adesões dos núcleos juvenis de resistência da Espanha, Cuba, República Dominicana, Venezuela e Nicaragua, assim como fraternal apoio de numerosas organizações mexicanas, levou-se a cabo um grande comício PELA LIBERDADE DOS POVOS, CONTRA TODAS AS DITADURAS, organizado pelas Juventudes Espanholas Antifranquistas e com participação dos jovens revolucionários e obreiros do México, assim como delegações dos países americanos subjugados por governos pretorianos. Prviamente se haviam distribuído milhares de volantes por toda a capital, convidando para o magno comício; algumas publicações juvenis e jornais de grande circulação publicaram o respectivo anúncio em cujo texto se lia: "MANIFESTA TUA SOLIDARIEDADE COM O ESTUDANTADO ESPANHOL, CUBANO, VENEZUELANO E CHILENO E TEU REPÚDIO AO VERDUGO FRANCO, AO ASSASSINO BATISTA, AO TIRANO PEREZ JIMENEZ E AS MEDIDAS ANTIPOPULARES DO GOVERNO IBANEZ.

No comício cantou-se a MARSELHESA, o FILHOS DO POVO, AS BARRICADAS.

A descrição minuciosa do grande comício feita pelo citado número de C. N. T. mostra a imponência dessa manifestação.

Ainda bem que há um lugar no mundo onde se permitem comícios desses.

Quem ousaria sequer pensar em organizar um comício, embora minúsculo, contra as ditaduras, na capital do Brasil democrático? Só pensar! Quem?

Questão Social não se resolve com simples caridade

não para sanar os problemas da distribuição mais equitativa dos bens deste mundo.

Além do mais, esse paternalismo soa falso; pois significa a intenção ou o reconhecimento de que o pobre deve ser sempre pobre; seria interessante que essas damas ilustres se colocassem um momento na posição da gente que recebe as suas propinas para sentir a sua reação íntima. Pois de certo a muitos não há de passar despercebida a hipocrisia da generosidade, interpretando-a como atitude de superioridade da classe que tudo detém e que deseja continuar a manter os seus privilégios aplacando os ressentimentos e amortecendo as reivindicações e dando ao pobre a sensação de que está sendo humilhado com esses presentes.

Nada mais necessário ao bom andamento da vida e das instituições do que a paz entre as classes que compõem a sociedade. Mas não será com engodo que se conquista essa harmonia.

Verdadeiramente revoltante, além disso, é o aproveitamento de certas iniciativas para fins propagandísticos individuais. Não há nenhuma razão para que, num veículo destinado a ambulatório volante, seja impresso, em letras enormes, o nome da presidente da instituição, a quem não se deve um vintém de contribuição para a compra e financiamento do mesmo".

Comentários? São desnecessários. Apenas acrescentaremos que a hipocrisia reinante nesses rasgos de generosidade, está sendo custeada com o dinheiro dos trabalhadores. Os Institutos, vítimas de toda a classe de espertalhões, já foram convidados a contribuir espontaneamente com alguns milhões anuais, para tal fim, que nada tem de obra pioneira. E' uma seqüência de assaltos ao dinheiro fácil, começada no tempo da ditadura e que terminará com a falência dessas Instituições, criação demagógica para enganar os trabalhadores!

Será necessário acrescentar mais alguma coisa para caracterizar o conluio da traição? O presidente da República foi convidado. Ali compareceu. Leu o seu discurso, previamente aprovado por todos os interessados na demagógica concentração Logo não há onde distinguir, para poder afirmar que, desgraciadamente, o atual trágico problema da vida humana manifestado em todo o país por atos monstruosos e condenáveis, apesar de "combatidos" pelos oradores que usaram da palavra no campo do Vasco, não serão resolvidos.

A massa trabalhadora continuará sendo mistificada se não tomar a deliberação de afastar de seu convívio os políticos, os "pelegos" e os comunistas, prin-

cipalmente os dois últimos que dominam os sindicatos e dentro deles exercem sua maléfica atividade, arrastando os trabalhadores para uma posição negativa de reivindicações.

Durante muito tempo continuará sendo vítima das manobras dos que atrás dos bastidores ministeriais conspiram contra as legítimas aspirações do proletariado, muito embora nas concentrações de Primeiro de Maio "condenem" a negligência do governo. A concentração do campo do Vasco foi, pois, um ato de traição ao proletariado, praticado com requintes demagógicos pelos que, indébita e abusivamente, se apoderaram da direção dos sindicatos e das Confederações dos Trabalhadores.

Reconhecemos a plena e inteira liberdade do indivíduo; queremos a plenitude de sua existência, o livre desenvolvimento de todas as suas faculdades. Não queremos nenhum obstáculo e assim retornamos aos princípios que Fourier opunha à moral das religiões quando dizia: "Deixai os homens inteiramente livres: não os corrompais; as religiões já o fizeram bastante. Não temais nem sequer suas paixões. Em uma sociedade livre, elas não oferecerão perigo algum.

Kropótkin — A Moral anarquista.

Os anarquistas concebem a sociedade como vasta rede de associações de toda espécie em que as relações mútuas dos componentes são reguladas, não por leis (herança de um passado de opressão e barbárie), não por AUTORIDADES (quer levadas ao poder por eleição, quer por herança de seus antepassados), mas organizadas mediante convênios ou acordos entre as partes interessadas, não só livremente aceitos, como a todo tempo revogáveis.

Kropótkin — O ANARQUISMO E A CIÊNCIA MODERNA.

Ainda o Fundo Sindical

Já estava sendo paginado este número atrasadíssimo de AÇÃO DIRETA quando tivemos conhecimento do n.º 26, 1.ª quinzena de junho, de Maquis.

Em sua pg. 43, volta Maquis aos grandes ladrões do fundo sindical.

Assim começa:

— Todas, mas todas, sem qualquer exceção, as denúncias publicadas por Maquis em seu número 20, da primeira quinzena de março, foram comprovadas documentadas, aceitas pela Comissão Parlamentar em copioso relatório do deputado Elias Adalme, do PTB, aprovado, por unanimidade, pelos outros deputados.

Das conclusões dessa Comissão, verifica-se que "nenhum ministro do Trabalho cumpriu a determinação do Tribunal de Contas da União mandando que se prestassem contas dos dinheiros recebidos e aplicados pelo Fundo Sindical".

Lembram-se os leitores de que o procurador Cunha Mello se levantou heroicamente contra essa omissão de prestação de contas das autarquias, da Sesi e outras instituições de Getúlio.

Sallienta-se entre os ladrões o pelégo Diocleciano de Holanda Cavalcante "um dos maiores beneficiários das imorais aplicações do Fundo Sindical".

Diz ainda a comissão: "E' oportuno que se responsabilizem as pessoas que receberam 2 milhões

de cruzeiros para fundar uma Confederação de Trabalhadores que nunca chegou a existir".

A Comissão acentua que o ministro Pansifal Barroso se recusou terminantemente a remeter à comissão os processos do ano 1955 e parte de 56, protegendo assim os ladrões.

Agora, não é somente a acusação perfeitamente documentada de uma revista de oposição como é Maquis. Agora é a Comissão Parlamentar de Inquérito com sua responsabilidade que denuncia as ladroeiros do Fundo Sindical.

A rapinagem dos dinheiros arancados ao trabalhador pelas infames leis trabalhistas de Getúlio, foi e é profunda, sistemática, evidentiíssima. No entanto, o Fundo Sindical continua e provavelmente continuará porque, aos donos da infame política democrática, muito convém uma enorme teta de fácil ordenha.

Para não ficar demasiado o escândalo, arranjar-se-á uma nova lei mais bonitinha, mais tapeadora, de recônditos e labirintos menos devassáveis, mas tudo continuará como estava e está, desviando-se o dinheiro chupado aos magros salários para as burras e algeibras dos piratas-mores e seus apinaguados.

E' assim o capitalismo! Assim é, porque os trabalhadores são profundamente ignorantes, ingênuos e parados! Homens sem alma!

No Paraizo de Salazar

XIX

Os julgamentos políticos nos tribunais militares

É no tribunal Plenário, designação dada aos tribunais militares, que se levam à cena as mais descaradas comédias do salazarismo. As condenações são levadas àquele velho casarão pela P.I.D.E., e o juiz, representando o papel de comediante, lê a sentença que a Polícia previamente lhe metera nas mãos. Tive, como soldado, a desgraça de fazer algumas ordenanças no tribunal militar do Porto (vasto salão de criminosos absolvidos e de inocentes condenados) e lá vi representar, dezenas de vezes, essa estúpida e indignante farsa.

Descriverei apenas um dos muitos julgamentos a que assisti. Formado o tribunal, o escrivão faz a chamada e aparecem dois homens rústicos, com o rosto cavado pela fome, pelo sofrimento. Tratava-se de dois "martelheiros" (nome por que são conhecidos, na linguagem vulgar, operários com certa especialidade na perfuração de rochas de carvão) das minas de São Pedro da Cova (Porto). Um teria seus 22 anos e o outro passaria dos 40. Repetiu-se a história de sempre: — Encaminhe-se ao dr. juiz e diga com ele: "Juro, em nome de Deus, que só dei a verdade!" Feito este juramento, sentaram-se os acusados para serem interrogados e, pouco depois, passaram ao banco dos réus, onde ouviram em silêncio o motivo da sua prisão (que supostamente já havia dez meses). Tratava-se nada menos que de um terrível crime de que eram acusados: haverem pedido aumento de salário ao engenheiro-chefe das minas, em presença de outros companheiros de trabalho, de igual especialidade.

Não tinham advogado de defesa, por dois motivos: falta de recursos para pagar honorários e o medo dos causídicos em defender questões políticas. Vários advogados tinham sido presos até aquela época, por defenderem seus constituintes.

Decorridos minutos, o juiz ordena: "Levantem-se os réus! Tem alguma coisa que alegar em sua defesa!" Apenas o mais idoso se levantou e explicou que o motivo que o levava a pedir aumento de salário não fora outro senão o de valer a seus filhos, que vinham passando fome e frio, enquanto ele trabalhava no fundo da mina dez e mais horas por dia. "Somos escravos do trabalho e da fome! A nossa alimentação consiste num pedaço de broa (pão milho) uma ou duas sardinhas e uma sopa de couves a cheirar a azeite!" — Não foi isso que lhe perguntei! — gritou o juiz. Há pouco (disse o operário mineiro) obrigaram-me a jurar, em nome de Deus, só dizer a verdade, e agora impedem-me de proferir-la, em nome da lei! Pois não é a miséria, em que vivemos, e a desigualdade social existente que nos impelem a pedir aumento de salário? Não é a fome e o trabalho escravo no fundo das minas sem ver

a luz do dia, a que temos sido submetidos, a causa de tudo isso. Este julgamento não é senão uma farsa para bem servir ao engenheiro-chefe das minas e à Polícia!" ... Três anos de prisão foi sua condenação, só por pedir aumento de salário. Estava-se no auge do fascismo. Para melhor ilustrar o leitor, vamos referir-nos ao Decreto-lei n.º 35.043, de 20 de outubro de 1945, que põe em vigor o habeas-corpus, mas com dispositivos tais, que impedem qualquer advogado de recorrer a tal medida. Creio que até hoje não foi utilizado por ninguém. No art. 7.º, determina: "Quando julgue a petição manifestamente infundada, o Superior Tribunal condenará solidariamente o requerente e o seu defensor na indenização de escudos 5.000\$00 a 20.000\$00 (equivalente a... 22.000,00 e 50.000,00 cruzeiros), para o Cofre Geral dos Tribunais". Isso além de prisão e suspensão dos advogados como tantas vezes tem acontecido.

Exemplifiquemos apenas com dois casos. Em 1953, o advogado salazarista Bustorf Silva, em referência à defesa do dr. José de Abreu, disse: "As justiças criminais já não punem com equidade e equilíbrio. Trituram, esfacelam, condenam à morte pela fome. E fazem-no sem provas, contra as provas, no uso de um arbítrio descoberto não se descortina onde". Mas o dr. Cristiano Moraes, em seu livro "O Código da Honra", vai mais longe: "Tal como está (a justiça em Portugal), os tribunais são casas privativas de magistrados, e não templos públicos, onde se fazem favores, onde se exercem represálias, onde se saciam ódios e vinganças, (aliás todas as justiças de Estado). A nossa justiça assenta num pântano ou num tremedal. É uma justiça de lama amassada em lágrimas, um calvário e um suplício, é o que, na maior parte das vezes, recebemos".

Esta apreciação do autor do "Código da Honra", não deixa dúvida àqueles que conhecem, de entre tantas, a deportação para o Tarrafal de 29 operários no dia 11 de abril de 1947 sem julgamento, dos quais, após a conclusão do processo, em 17 de setembro, regressaram à metrópole 12 por nada terem com o processo em causa. Como se vê, em Portugal deporta-se primeiro e julga-se depois.

Outro caso digno de nota é o de um grupo de advogados portugueses que, sentindo-se na obrigação moral de prestar assistência aos seus constituintes, presos políticos, submetidos a torturas, reclamaram contra as mesmas ao diretor Geral dos Serviços Prisionais. Alguns dos reclamantes foram presos e outros pronunciados por despacho e determinação do ministro do interior (notícia divulgada pelo jornal "O Primeiro de Janeiro", do Porto, no dia 23 de outubro de 1953, quando da farsa eleitoral). Isto acontece enquanto os salazaristas no Brasil se esbalfam a gritar que em Portugal há liberdade e muita liberdade.

Uma Lésbica salazarista rompe a censura e as ordens da Pide, coisa que não conseguem milhões de portugueses anti-fascistas.

A escritora francesa Marise Guerlin em seu livro "Femmes sans hommes" (Éditions du Scorpion-Jean d'Halluin, Éditeur - 1, Rue Lobineau - Paris), na pá-

gina 148, conta que, tendo vindo a Portugal durante a guerra, de passagem para a América onde ia fazer conferências, viu o seu visto americano anulado em Lisboa. Considerada refugiada pelo "redoutable commandant de la Police portugaise", este intimou-a a sair do país e, portanto, regressar à França livre, no prazo de 48 horas. O que aconteceu refere a escritora: "Eu tinha ainda 36 horas para me documentar sobre a Lusitânia. Por infelicidade, fiquei 13 meses em Portugal. E isto por causa de uma lésbica. A dizer a verdade, ignorava que a dama referida fosse lésbica até o dia em que ela resolveu fazer-me compreender isso". E prossegue: "Neste momento, entrando nos meus aposentos do hotel onde me achava, em Lisboa, recebi um convite da mulher de uma alta personagem portuguesa para um passeio no outro dia. Esta mulher era a escritora e poetisa muito conhecida (Fernanda Ferro) em Portugal. Seu marido ocupava importantíssimo cargo oficial" (Antônio Ferro, o homem que mais fez viver o salazarismo fora de Portugal e presidente do Dip lusitano, depois embaixador, etc.).

A seguir, a escritora francesa informa-nos de como a dama lésbica obteve quase instantaneamente da "redoutable" polícia da Papalaria Fernandes un permis de séjour illimitado. E fecha o capítulo 19 com outra vitória da lésbica. Desta vez sobre a censura: "Um importante escritor estrangeiro — hoje morto — residia, então, no Palácio hotel do Estoril. Ele tinha uma belíssima mulher. A poetisa tinha feito com que fosse representada, num teatro de Lisboa, uma das peças daquele escritor. Ela passava todo o tempo em companhia da mulher do escritor, no apartamento do Palácio hotel no Estoril. Um dia, tendo o gerente de mostrar a um operário uma reparação que fazer no interior do dito apartamento, bateu à porta e, não recebendo nenhuma resposta, abriu-a com a sua chave-mestra. Foi assim que ele conheceu a gordurosa anatomia da mulher de uma personagem oficial, enlaçando a delicada anatomia da mulher de um célebre escritor. Ele teve o tato, de dizer: — Sorry, Sir (perdão "cavalheiro").

Não quero aqui apreciar a parte lésbica, como doença ou vício, mas apenas para mostrar aos leitores que, enquanto se prendem trabalhadores em Portugal por pedir aumento de salário, e se impede a publicação de centenas de livros, inclusive a famosa: "Questão Sexual" de Egas Muniz, uma alta personagem do governo de Salazar para sustentar suas leviandades, rompe a censura, e verga os sangüinários do Capitão Lourenço, (hoje Neves Graça), o que milhões de portugueses anti-fascistas tentam derrubar há trinta anos (censura à imprensa e os métodos violentos da Pide).

Os salazaristas do Brasil merecem esta recomendação: rezem pela alma de Antônio Ferro, que tanto fez para que a ditadura vivesse e prosperasse num mar de lama, graças ao ardoroso auxílio de Fernanda Ferro, sua esposa. A eles devem a vergonosa e absurda propaganda do fascismo português, no livro, no jornal e através de relações diplomáticas.

Edgart Rodrigues.

O Programa da Prostituição

Chegou-nos às mãos (graças à distribuição gratuita do Serviço Social de S. Paulo) uma conferência da Dra. Esther de Figueiredo Ferraz, proferida no dia 7 de novembro de 1952 e, parece, agora divulgada.

Bastou-nos ver a procedência (Escola de Polícia da Secretaria de Segurança Pública) para logo precebermos as idéias da conferencista, advogada no fóro de São Paulo.

Os coicetes e remédios da autora são velhos conhecidos nossos, conceitos e remédios em tudo burgueses, meros paliativos sem nenhuma influência na solução definitiva.

Diz a autora com grande ênfase que a prostituição é uma orma de escravatura humana, verdade que nós anarquistas proclamamos há mais de um século.

Apenas, nós filiamos essa escravatura à escravatura geral, a de onde decorre a escravidão do operário, a escravidão do soldado, a escravidão dos condenados, a do camponês, etc.

Pesquisando as causas da prostituição descaí a conferencista para determinantes imediatas sem ver a causa mediata, mais remota, mais geral, mais real.

Em primeiro lugar, fonte da prostituição diz ela ser o "insuficiente amadurecimento psíquico (menoridade)" da mulher; seguem-se depois: as anormalidades físicas ou mentais, a excessiva pobreza, a desorganização do meio familiar, a falta de educação intelectual, moral e profissional, preconceitos sociais impeditivos da reabilitação de um "resonrada".

Ora um exame perfunctório demonstraria à conferencista não ser nenhuma dessas "causas" a verdadeira causa e mais, serem elas, persistindo a causa geral, irremediáveis.

Tomemos uma dessas apontadas causas: a desorganização do meio familiar. Alguém de mente livre perguntaria: "Qual a causa dessa desorganização do meio familiar e, porque, há de estar a mulher sujeita a tão dolorosa calamidade por ser seu meio familiar desorganizado?"

Claro é que se tal desorganização causa tais quedas, o essencial não seria querer remediar a queda, senão tornar impossível essa desorganização.

O mesmo raciocínio poderíamos

aplicar às demais "causas". Se a conferencista quisesse meditar sobre as causas dessas supostas "causas" talvez chegasse à compreensão do problema se nos apresenta a nós anarquistas.

Exemplo: outra causa apontada pela conferencista é a "extrema pobreza". Porém, qual a causa milenar dessa extrema pobreza. Tal miséria não recebeu, até hoje, solução nem dos Estados, nem das Igrejas. Quais as determinantes dessa endemia?

A conferencista inclui a miséria na série das "causas" da prostituição, mas observa o seguinte: "... deve-se esclarecer que a extrema miséria, por si só, pode levar à prostituição, o que tem acontecido e aconteceu em numerosos países europeus e asiáticos, maxime em ocasiões de guerras, revoluções, crises, calamidades etc..." E concede que entre nós as sécas nordestinas possam ter gerado circunstâncias favoráveis a quedas.

Essa opinião, mera opinião, é desfeita por inquéritos rigorosos, por exemplo, o de Maxime du Camp. Esses inquéritos dão como causa número um das quedas a pobreza. E' claro que não se limita o capítulo pobreza à "penúria", à "miséria". Estende-se ao desespero, ao cansaço do trabalho penoso diuturno, ao desejo de "melhorar" o lado econômico da vida. Começa pela prostituição limitada a um só homem, um "apoio", um encosto para minorar as dores da cabeça de situações aflitivas. Depois, se um só apoio não basta, há o recurso a mais de um e o pé na rampa vai levando à decida fatal.

Seja como for, reconhecem todos ser a miséria uma das mais seguras fontes do meretrício.

Pergunta-se: — Indagou a autora a causa da pobreza? — Em vez de andarmos a catar paliativos sociais, religiosos ou estatais, para impedir a prostituição, importa saber se não seria possível apurar a "causa" de cada uma dessas proclamadas "causas" e atacar o mal pela raiz. Pensou nisso a ilustre advogada?

Antes do mais, importa fazer uma diferença entre mulher não virgem e prostituta. Nos países germânicos e escandinavos, muito difícil é achar-se uma jovem ainda virgem aos dezessete anos.

Na Alemanha, por exemplo, a "back fisch", jovem de 16 anos, três meses e dias, recebe dos pais uma chave da porta dianteira e torna-se inteiramente livre em sua vida sexual. Ninguém na Alemanha condena tais jovens "de sonradas". Continuam moças de família perfeitamente respeitadas.

Prostitutas são as que do ato sexual usufruem lucro monetário ou só "presentes". São as profissionais do sexo.

Basta isso para elucidar logo ser o meretrício um meio de obter "dinheiro" e salta imediatamente aos olhos ser o "dinheiro" a causa da prostituição. A mulher se entrega ao homem por dinheiro, porque, deseja de coisas e vantagens, não as pode "comprar" com o dinheiro ganho no trabalho honesto.

Se não houvesse, nesse homem, a possibilidade de acumular riqueza por meio da moeda, essa mulher não se lhe daria sem amor.

Conclusão: se a sociedade humana estivesse estruturada de tal modo que se prescindisse do dinheiro, não haveria nem homens compradores de mulheres, nem mulheres carecedoras do auxílio momentâneo de um homem.

Estamos logo ouvindo o grito da conferencista: "Mas isso é impossível! Há dezenas de séculos, até onde chega a história documentada, existe o dinheiro". E nós respondemos: "Exatamente por isso, houve sempre miséria, porque a miséria e a pobreza existem por existir a possibilidade de acumulação da riqueza social, toda produzida por trabalhadores, nas mãos de uma insignificante minoria de açambarcadores.

Seja, pois, a sociedade organizada de tal modo que tal açambarcamento não se dê e o esforço dos trabalhadores reverta para os mesmos trabalhadores, o dinheiro desaparecerá e a prostituição desaparecerá com ele e com ele desaparecerão as mais formas de escravidão.

— Mas, dirá a conferencista, como viver sem dinheiro?

Essa a objeção máxima, feita por quantos se acham literalmente imbuídos de preconceitos capitalistas e estatais.

Para essa objeção, diremos apenas: "Estude a conferencista o anarquismo. Vença os seus duros preconceitos religiosos, demonstrados em sua conferência, e atenda às razões, argumentos e provas dos anarquistas. Depois indague as realizações dos arquis.

" SOLIDARIDAD
OBRERA"
A VENDA
No LARGO DA LAPA
(Em frente ao Ponto dos Bondes)

MANIFESTO DA ALIANÇA LITERARIA DE SÃO PAULO

A propósito do 1.º de maio, os companheiros paulistas da "Aliança Libertária" distribuíram um significativo manifesto. Logo na primeira página estamparam, em letras gordas, o significado de tal data com estas palavras.

"Primeiro de maio não é uma data festiva. É um brado de protesto, é uma afirmação de propósitos reivindicadores. É uma data que figura na história como episódio epopéico das lutas em prol de sempre mais largos horizontes de liberdade e de justiça social".

Depois, nas páginas internas, conta o que foi a tragédia de Chicago assinando o martírio a que foram submetidos os anarquistas sacrificados pela tirania financeira dos Estados Unidos.

Acentua que essa data, tal qual foi decretado em numerosos Congressos Operários, foi instituída como dia de "protesto universal" dos trabalhadores à prepotência dos patrões capitalistas amparados pelo Estado.

Não é pois dia de "festa"! Considerá-lo "festa" é uma esperteza da burguesia endinheirada para escamotear e abafar o "grito de protesto" dos trabalhadores. Muito bem!

tas atualmente feitas e em andamento na Palestina, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Uruguai, em França, perto de Belém, e mudará totalmente seu modo de pensar.

Então, fará provavelmente nova conferência sobre a prostituição; mas, em tal caso, formulando o problema de mais alto e apontando a solução exata.

Assim fará grande serviço à humanidade. O que fez nada adiantou, nem adiantará.

A Conferência Anarquista de Montevideu

Realizou-se em Montevideu, de 7 a 21 de maio, a conferência anarquista internamericana, com representação de muitos países inclusive o Brasil.

Já recebemos, do nosso delegado, carta entusiasta sobre o modo altamente sério, profundo e amistoso desse significativo plenário.

Da carta assinalaremos alguns tópicos: "Afortunadamente, a Conferência se desenvolveu em plano tão profundamente anarquista, que, em tudo, chegamos a acordos por unanimidade. E' altamente esperançoso que, ainda quando havia posições diferentes, como no caso da FLA e CRIA argentinas, os delegados se comportaram com perfeita correção. Notava-se em todos o afã de superar para sempre as intemperanças e querelas que, em todas as partes e em particular na Argentina, tantos estragos têm causado".

Adiante diz: "Houve delegados de todas as idades, alguns quase imberbes, porém todos com profundo conhecimento das idéias e dos problemas da hora atual. Como vereis pelas atas que nos serão dirigidas diretamente, o acordo fundamental é o de intensificar as relações e a organização, projetando o mais possível nossas atividades nas organizações obreiras, culturais, etc., propiciando a criação de comunidades".

Sobre este ponto das comunidades, revelou-nos que, em Montevideu, na parte sul, há uma comunidade anárquica já de ano e meio. Muitos foram visitá-la. Diz-nos ele: "Causou a todos a melhor impressão e simpatia. Já possui imprensa, cerâmica artística e pretendem ampliá-la".

A impressão geral do nosso delegado se exprime neste período simples: "Regresso, pois, com muito otimismo". E prossegue: "Vamos ver se, aqui e em todas as partes, assistimos a um reflorescimento fecundo".

Provavelmente em julho ou agosto, realizará-se o congresso anarquista internacional, precisamente no 50.º aniversário do de Amsterdam.

Mal recebemos as atas do congresso de Montevideu, trataremos de informar nossos leitores dos seus resultados.